

# P O E S I A D E S C A L Ç A

A identidade é uma trajetória. FOUCAULT

Nº 93 Ano 06 Recife, maio/Junho de 2005 – Distribuição gratuita

## A FESTA DA PADROEIRA

### No bar:

Pelas garrafas de cana,  
Muitos trabalharam na semana.  
Amém.

### No centro comercial:

Pelas sobras depois do bingo,  
Mendigos sobrevivem no domingo.  
Amém.

### No restaurante:

Pelo tira-gosto, antes do almoço,  
Pulam moscas no rosto.  
Amém.

### No campo de futebol:

Depois da retirada dos bois,  
Brigam mais de vinte e dois.  
Amém?!

### No pátio da Igreja:

Pelo andor de Nossa Senhora,  
Surgem, descalças, todas as carolas.  
Amém.

### Na sacristia:

Pela banda da procissão:  
Sonham padre e o sacristão.  
Amém.

### No culto:

Pelo som do alto-falante,  
Berram os pastores protestantes.  
Amém!!!

### Na usina:

Pelo fogueteiro animado,  
Esperam senhores no sobrado.  
Amém.

### No parque:

Por um bilhete gratuito,  
Pobres crianças no intuito.  
Amém.

### Na rua:

Pela santa da salvação,  
Espera uma multidão.  
Amém!!!

### Na prefeitura (Um vereador reclama):

Eu já falei pro prefeito  
Que vai faltar caminhão.  
Que sem promessa de céu  
Não se tem nova eleição!

## JOCA DE OLIVEIRA

[ianomangue@elogica.com.br](mailto:ianomangue@elogica.com.br)  
[armajebao@yahoo.com.br](mailto:armajebao@yahoo.com.br)  
site: [jocadeoliveira.tripod.com.br](http://jocadeoliveira.tripod.com.br)

## ACALENTA-MENINO

Já não sei mais o significado de destino...  
Da simplicidade surge um menino.  
Homem que toca corações,  
Canta poesias, exala canções,  
Exprime sentimentos, foca emoções.  
Num lirismo intenso  
Trovadorismo de sensações.

Numa garrida cantiga de amor  
Humanista como ele só,  
Expressando conhecimento  
Puro e simples, sem dar nó.

Se está morto, há Renascimento.  
Ouvindo tais versos  
Já lhe conservo estima.  
Sua Musa Antiga, sua rima.  
Diria Camões: "Espalha Braz!  
Por toda parte o Engenho e a Arte!"  
Para nos acalantar.

Todos devem conhecer  
Esta bela exaltação,  
Que não passará em vão  
Nas antíteses da vida.  
Esse alimento, essa comida  
Pacífica o coração.

Escrevinha com naturalismo suas linhas,  
Extravasando realismo.  
Seu narcisismo escancarado,  
Em verso, prosa, métrica, rimado,  
Romântico, parnasiano, simbolista, o que for;  
Arcadista ou barroco. Não importa!  
Pois suas palavras nos transportam  
A um mundo com amor.

Seja acaso, ou vaticínio  
Eis que surge o menino.  
Humilde, genuíno,  
Fato imprevisto, destino,  
Fortuito, encantador.

**BRUNA OLIVEIRA** (10 e 11/ 05/ 2005)  
(Dedicado ao poeta Roque Braz)

Esse de quem eu era e era meu,  
Que foi um sonho e foi realidade,  
Que me vestiu a alma de saudade,  
Para sempre de mim desapareceu.

Tudo em redor então escureceu,  
E foi longinqua toda a claridade!  
Ceguei... tasteio sombras... que ansiedade!  
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...  
A sombra dos meus olhos, a escurecer...  
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu eu já me não lembro...  
Ah! a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos...!

## LUZ DO CHÃO

Em breve

### ARREBOL 29

Pensando no meu amor,  
caminho sozinho  
pelas ruas dessa tarde.

Crianças azuis  
brincam com as horas  
que escorrem soltas  
pelo ralo do dia.

Sintonia: um senhor  
e o seu radinho de  
pilha;  
perdidos  
num domingo distante.

Pelada tradicional  
cachaça.  
Batucada, tira-gosto  
e uma ressaca silenciosa  
no final da tarde.

Mar, areia e sal.  
E o Sol despencando  
por trás dos meus olhos.

MALUNGO

P D

## ENTRE O ARCO RETESADO E A CAÇA TRANQUILA

Azagaia fende tresloucada  
as hemácias da minha paixão  
e é rubro o amor partido  
que resvala no chão,  
junto ao barro fértil.  
Pura insensatez  
do coração mal-ouvido de aberto.

Meu sêmen hiberna, à revelia,  
na Sibéria de mim.  
Maltrapilho, sem uma fibrila de calor.  
Nunca houve ferida maior  
e não haverá cicatrização indolor.

Ela me caçou  
e me rasgou o corpo,  
e deixou qu'eu vazasse;  
depois foi embora,  
depois não sei mais  
porque virei-me alucinado.

Agora, que irreversivelmente  
ruiu minha bastilha,  
vivo buscando colocar meu barulho  
entre o arco retesado  
e a caça tranqüila.

**WILSON VIEIRA**  
Recife, 05/06/85

## AVISO AOS NAVEGANTES

A competição desperta o que há de melhor nos  
produtos. E o que há de pior nas pessoas.

**DAVID SARNOFF**

"A essa altura eu sei tanto de tolos e conheço  
tão bem a idiotice humana que já posso  
começar a escrever minha biografia"  
(MILLÔR FERNANDES).

Calibrus - Jun 2000



Argumento: Joca de Oliveira; Desenho: Roque Braz

Retrospectiva Poesia Descalça

 <p style="text-align: right;">Elis</p>	<p><b>dois loucos no bairro</b></p> <p>um passa os dias chutando postes para ver se acendem</p> <p>o outro as noites apagando palavras contra um papel branco</p> <p>todo bairro tem um louco que o bairro trata bem só falta mais um pouco pra eu ser tratado também</p> <p style="text-align: right;"><b>PAULO LEMINSKI</b></p>	<p><b>RECIFENSES (Luciano Nunes)</b></p> <p>5 horas da manhã, caminhando no parque senhoras e senhores escolióticos. Velhos meninos, velhas meninas com diabetes, hipertensão e vaidades. A moça da carrocinha de frutas dá o troco com as mãos babando néctar e solidão. Sobre a favela passa o viaduto, e sobre o viaduto segue o coletivo, e tudo cheira a maresia e lama podre, é o incenso recifense vindo das profundezas de todos os mangues soterrados. Na Guararapes é sempre sábado de Zé Pereira. Na Rio Branco eles continuam dançando no Adila's Place. Para minha mãe a Rua da Aurora é a mais recifense de todas as ruas, e ela nem sabe de Gilberto Freyre. No Beco da Fome de geração a geração tem sempre uns doidos comendo e bebendo poesia. E tudo continua valendo a pena quando a alma não é pequena, no Savoy, Livro 7, ou no Restaurante Viena. O poeta é um economista, entende bem de mercado: Boa Vista, Madalena, São José. É um grande analista, sabe a cotação do melhor patinho com feijão preto e cerveja gelada. No Recife tudo é perto: teatro, comércio, igreja, puteiro, porto, cemitério, assembléia legislativa. Num simples passeio entende-se a humanidade.</p>	
<p>A partir deste número, o Grupo da Várzea, quando puder, e a nossa escolhida consentir, apresentará uma musa. A musa deste mês é <b>ELISÂNGELA</b>. A moça é modelo e garota-propaganda bastante solicitada por lojas e eventos. Moradora da Iputinga, o Bairro dos Artistas, ela dá aqui um pouco da sua graça aos nossos leitores. Um verdadeiro colírio pros olhos de quem vive a poesia e quer “a violência fora daqui”. Deus existe, cambada!!</p>	<p><b>PAI</b> <span style="float: right;"><b>Jorge Lopes</b></span></p> <p>Tudo o que sei é a certeza dessas paredes solitárias que guardam histórias distantes de mim.</p> <p>Tudo o que sei é o gosto amargo da ausência no fundo da noite.</p> <p>Eu sei. Nunca soube do teu sorriso nem dos teus braços queimados de sol. Nunca soube dos campos verdes nem das canções do vento e dos pássaros dos teus sonhos</p> <p>Eu posso apenas olhar as velhas paredes. Mortas.</p>		<p>Não existe fórmula para o sucesso. Mas, para o fracasso, há uma infalível; tentar agradar a todo mundo.</p> <p style="text-align: right;"><b>HERBERT BAYARD SWOPE</b></p>
<p>Dois velhos boêmios cantam, entre idas e vindas ao sanitário do bar. As vezes já não são as mesmas, são mais baixas e o tempo é mais curto. Só cresceu mesmo o motivo para cantar.</p> <p style="text-align: right;"><b>ALBERTO DA CUNHA MELO</b></p>	<p>O sol quente queima a minha pele. O céu azul sem nuvens. O charme da serpente.</p> <p><b>POETA HAROLDO</b></p>		<p style="text-align: center;"><b>REFLEXÃO</b></p> <p>Retângulo de vidro com o dorso pintado, todo de madeira emoldurado resistindo ao tempo, ali pendurado. Cor de laranja meio desbotado imitando os de plástico que tem no mercado. Uns nem o notam. Outros ajeitam o penteado. Uns se revoltam com o próprio telhado. Uns fazem careta pra passar o tempo. Outros o perguntam: Qual é essa vez? Para terem idéia da própria embriaguez.</p>
<p><b>DA SAUDADE E OUTRAS DEUSAS</b></p> <p>A saudade é um fogo invisível Dá fumaça na cabeça Dá na boca um gosto de mel Faz com que nada pereça Nunca</p> <p>Na mordida do impossível Faz que tudo permaneça A saudade é um lugar incrível Pára o tempo onde jamais se esqueça Nada</p> <p>E eu saciei a saudade Que havia nos olhos de Ana Onde Helena é “Nêga” Onde a Musa é cana</p> <p>E eu provei da saudade Que havia nos olhos de Lana E eu chorei de tristeza Por minha vida cigana</p> <p>A saudade é um olho de céu Sensação de paraíso Acolhendo tudo em seu véu, Guarda o que nos foi preciso E só</p> <p>Antes que a noite rebente, Apagando a memória, A saudade é o melhor presente Do passado em nossa história E fim.</p> <p><b>Música e Letra: ROQUE BRAZ</b></p>	 <p style="text-align: right;"><small>TEXTO: JOCA DE OLIVEIRA DESENHO: ROQUE BRAZ</small></p>	<p><b>MENOS VIOLÊNCIA E MAIS PALHAÇOS E MUSAS.</b></p> <p>No mesmo dia, um que nasceu para nos fazer rir, o palhaço Arrelia, faleceu; enquanto isso, outro ser humano, um que nasceu para nos fazer chorar, o Elias Maluco, estava indo a julgamento. Essa dicotomia me lembra com saudade dois xarás: Tim Lopes e Tim Maia. O músico, cantava: <i>Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir, tenho muito pra contar, dizer que aprendi/ Que, na vida a gente tem que entender, que uns nascem pra sofrer, enquanto um outro ri</i> (mais ou menos assim); o jornalista, nos encantava com sua coragem. Tantas explicações: fatalismo. Já nascemos com nossos destinos. Má distribuição de renda. A sociedade contribui para a formação desses bandidos. No entanto, acredito, ainda, e tenho esperança no homem. O melhor dos caminhos continua o de ser bom.</p> <p>Vou mudar de assunto. O PD agora está com “cara nova”. Nada de fotos de poetas (algumas tristes e até pessimistas). Botaram a primeira Musa na contracapa. Se a violência é contigo, prefiro a imagem da garota aí comigo. Fiquei até romântico. Criei até uns versinhos; são para todas as musas! ► <b>CORRENTE</b></p> <p>Buquês molhados de algas vadias / Respiram na praia nossa fantasia. O Sol morrerá em nosso universo./ Viva, então, por favor, pelo menos, O tempo de meus versos!</p> <p>É cedo, baby, vai entardecer! / Amanhã pode ser que nosso amor Não esteja mais aqui.</p>	<p>Mulheres aos pares sempre no escuro. Primeiro uma nuca, depois uma face. Uma cara de esforço, parece dar duro. Depois da vertida a imagem estremece. Depois de um tempinho a imagem invertida de novo acontece. Primeiro a outra nuca, depois a outra face... Sabem de quem falo? É do rei do cubículo onde tudo se dá. Não seja ridículo não o menospreze. O espelho de Pinha de mais respeito carece.</p>
		<p style="text-align: center;"><b>BALA “U”, O PROFETA DA BOCA DO LIXO</b></p>	<p style="text-align: right;"><b>EDUARDO LOUREIRO</b> Recife, 05/05/05 (De volta ao PD)</p>